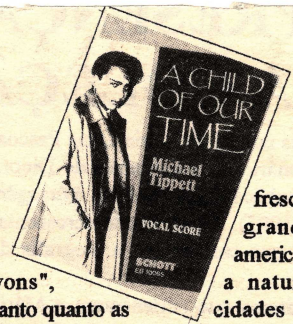




SIR MICHAEL TIPPETT

O PERCURSO DE UM GUERREIRO - Olivier Bernager



frescor! Adorei os grandes espaços americanos, os "canta natureza intacta cidades tentaculares.

Ferozmente independente, avesso a qualquer escola mas sempre atento aos ecos mundiais, Sir Michael Tippett festejou seu 90º aniversário, no dia 02 de janeiro deste ano. Ele é a memória viva de seu século. Sir Michael Tippett é uma figura maior da música inglesa do século vinte, ainda que tardiamente reconhecido na Europa. Isso não lhe causa admiração, pois está consciente de que sua carreira de compositor não está presa a normas, assim como sua vida pessoal segue por fora dos caminhos pisados do "establishment" britânico.

ORIGENS

"Filho da classe média inglesa, tive acesso à educação, mas sem facilidades sociais particulares. Meu pai, Henry William Tippett, era advogado e minha mãe, enfermeira, mas ela escrevia romances, era membro do partido trabalhista e era sufragista! Na época, precisava muita coragem para ser uma mulher comprometida. Meu pai era um modelo de liberalismo e racionalismo. A música não era uma preocupação familiar. Não residíamos em Londres e sim, no campo e não havia na época nem rádio, nem televisão e nem concertos na nossa região!

DESCOBERTA DA MÚSICA

Meus anos de colégio na Stanford Grammar School no Lincolnshire foram bastante enriquecedores no plano intelectual, meus pais tinham trocado momentaneamente a Inglaterra pela França: eles mantinham um hotel em Cannes e freqüentemente juntava-me a eles nas férias. Era a época da primeira guerra mundial; no colégio haviam sido eliminadas as matérias consideradas "fúteis" e anti-patrióticas, das quais a música fazia parte. Após a guerra, tive meu primeiro professor de piano, Miss Tinkler, que me fez descobrir as sonatas de Beethoven. Um pouco mais tarde, por ocasião de um concerto regido por Sir Malcolm Sargent, tive a revelação de que eu seria compositor e dei ciência disso a meus pais. Houve uma luta com o colégio sobre o tema de que a música não nutria ninguém, além do que eu ainda era acusado de corromper meus companheiros com minhas idéias de ateísmo! Foi quando, então, eu

me lancei sozinho nos manuais de composição para aprender. Finalmente, meus pais concordaram em me deixar ir para o *Royal College of Music* em Londres, com a condição de lhes garantir a obtenção de meu diploma de doutor em música. Era em 1923 e eu tinha 18 anos. Tive inúmeros professores, entre os quais Ralph Vaughan Williams, do qual eu logo me distanciei a fim de não imitá-lo. De maneira nenhuma meus professores me encorajaram a seguir uma carreira musical. Tenho a impressão de ter sempre estudado sozinho. Felizmente em Londres havia os Proms, onde eu ouvi todas as sinfonias de Beethoven. Eu as escutava como teatro e foram uma revelação. Como eu tinha curiosidade por tudo, propus meus serviços de copista à biblioteca de Westminster; assim, eu descobri Palestrina, Gibbons e muitos outros.

O APRENDIZADO

No Royal College of Music havia duas orquestras, uma delas dirigida por Sir Malcolm Sargent, personagem pavorosa e a outra, por Sir Adrian Boult (e às vezes, Arthur Nikisch). Adrian Boult me aceitou. Durante três anos não faltei a uma só explicação. Um dia, Boult me disse que eu era dotado, possuía uma sensibilidade muito fina para a orquestração, mas precisei de muito tempo para fazer progressos neste campo. Eu adorava a ópera e conhecia de cor "Pelléas" e "Parsifal". Desde essa época eu me convenci que era difícil para os regentes da velha geração entrar na música de seu tempo, pelo fato de não ser harmônica. Em seguida, bem entendido, eu estudei o "Tratado de Composição" de Schoenberg, onde as possibilidades de escapar à tonalidade estão catalogadas e, da mesma forma, o "Tratado" de Vincent d'Indy. Este último insiste no fato de que a música é de tal forma instável que as melodias passam e repassam permanentemente sem necessidade de parar por aí. Na época, a velha geração nos dava a entender que, à imagem de Beethoven, todos nós devíamos ser surdos! Apesar de tudo, era uma escola muito animada. Eu obtive meu diploma de Bacharel em Música no ano de 1928".

Michael Tippett passa os anos seguintes no campo, onde ele escreve suas primeiras partituras. Organiza "concertos-aulas", comentando e dirigindo obras, em particular o "Messias" de Händel. Em 1930, o primeiro concerto com suas próprias composições. As críticas são positivas mas ele decide retornar à escola! Estuda, então, a fundo, a polifonia e a fuga, técnicas que lhe permitirão conduzir com eficácia os contrapontos vocais complexos.

O COMPROMISSO POLÍTICO

"Talvez por tradição familiar eu sempre fui sensível às injustiças sociais. Nos sombrios anos 30 eu participei de uma empresa de reintegração social, inserindo-me numa coletividade de menores desempregados, que deviam tentar se reconverter, criando condições econômicas de auto-subsistência numa aldeia de Yorkshire. Para eles e com eles eu montei "The Beggar's Opera" e minha "Folksong opera". "Robin das Matas". Reuni também músicos despedidos das salas de cinema, quando do advento do filme falado, numa orquestra, cujo repertório era constituído de clássicos populares mas também das obras de Stravinsky. Fui regente de coral nas sociedades,

cuja finalidade era dar concertos para os pobres do lado leste de Londres. Os coralistas cantavam mas traziam também alimentos que dividiam com o público. Eu era simpatizante "trotskista" e por algum tempo fui membro do Partido Comunista, a fim de tentar trazer os militantes deste partido para o "trotskismo"! Hoje e desde muito tempo não mantenho mais nenhuma atividade política. Todavia, sempre penso que a música deve agarrar-se compassivamente às mais nobres causas humanas, em primeiro lugar a justiça social e a luta contra todas as segregações, sejam raciais, sociais ou religiosas. Este ideal eu imprimi muito cedo nas minhas obras. Meu oratório, criado em 1944, "A Child of Our Time", aborda as consequências da guerra e suas injustiças. Na época, eu era membro da "Peace Pledge Union", um importante movimento pacifista e encontrava-me inscrito nos registros do exército como opositor de consciência, o que me valeu três meses de prisão pela maior arrogância de minha mãe.

REENCONTRO COM ALFRED DELLER

Nos anos 40 eu era relativamente conhecido. A BBC tocava minhas obras e eu também regia. Em 1940 fui nomeado diretor musical no Morley College, onde eu fui regente do coro e sobretudo onde eu descobri muita música, em especial o famoso motete a quatro vozes "Spem in alium" de Thomas Tallis. Em Westminster descobri Alfred Deller a quem eu confiei partes solistas importantes de Purcell. Sempre fui um apaixonado por Purcell, que é o inventor da música teatral, enquanto que a música elisabetana, destinada às grandes residências aristocráticas, era cantada com todos sentados ao redor da mesa. Nos limites de minhas funções eu cuidava em montar música de meu tempo, como "Les Noces" de Stravinsky".

Entre 1951, data em que ele deixa o Morley College, e sua descoberta dos Estados Unidos em 1965, nasceram muitas obras, entre as quais "The Heart's Assurance" (1951), "The Midsummer Marriage" (1952), "Fantaisie concertante sur un thème de Corelli" (1953), "Ritual Dances", "Segunda Sinfonia" (1956), "King Priam" (1961); Tippett se lança também num trabalho pedagógico com a BBC. Este período, porém é permeado de insucessos, de contratempores e de incompreensão. A ópera "Midsummer Marriage" é tachada como sendo a "pior obra dos últimos 350 anos". Honra em excesso ou indignidade em demasia! O "Concerto para Piano" é declarado inexecutável por Julius Katchen, a criação da "Segunda Sinfonia" com Sir Adrian Boult é uma catástrofe em razão de diversos contra-sensos, quando da preparação da obra... Por ocasião de uma gravação da BBC, "Midsummer Marriage" é escutada por Sir Colin Davis, que decide fazer da obra uma nova produção, dirigida por ele no Covent Garden em 1968: o sucesso é grande. O reconhecimento chega, enfim, traduzido por inúmeras distinções honoríficas. Michael Tippett tem 60 anos!

OS ESTADOS UNIDOS E O JAZZ

"Em 1965 eu descobri os Estados Unidos! Foi como uma revelação para mim. Lá encontrei minhas raízes, tinha a impressão de ser um filho da América. Havia lá tantas raças diferentes, tantas sensibilidades, tanta juventude e tanto

Por ocasião de várias viagens entusiasmantes, andei de descoberta em descoberta como um explorador. Dava concertos, ministrava conferências, ia ao encontro das pessoas. Nessa ida aos Estados Unidos, realizei meu "Mayflower" pessoal. De certa maneira eu estava retornando ao lar. Eu conhecia o mundo inteiro mas lá eu encontrava meus compatriotas. Foi uma experiência muito profunda. Andei em New Orleans, onde ouvi "jazz" no estilo antigo, as "jam sessions". Eu conhecia o "jazz" apenas através dos discos ou do Hot Club de Paris, que não era particularmente americano. Gostava de Louis Armstrong e Bessie Smith. Ela interpretava a forma mais pura do "blues". Eu pressentia que o "jazz" podia dar vida à música européia. A minha permanência nos Estados Unidos serviu realmente de estímulo para mim".

É possível encontrar a influência dos Estados Unidos e do "jazz" em várias obras, particularmente em "The Knot Garden" (1966-1970), "Songs for Dov" (1970). Seu amor pelos Estados Unidos, o Novo Mundo, lhe fez bem: jovens vinham aos concertos Tippett em Chicago em 1974 com camisetas onde estava impresso "Turn on to Tippett" (Ligue-se em Tippett). Sir George Solti decide incluir a "Quarta sinfonia" no programa de sua turnê pela Europa com a Orquestra Sinfônica de Chicago. Lorin Maazel rege várias de suas obras com a Orquestra de Cleveland. Os anos 1970-1980 transcorrem em meio a inúmeras viagens e a diversas responsabilidades, em particular a direção do Festival de Bath na Grã Bretanha. Sua fama atravessa as fronteiras, mas a Europa parece desconhecer o compositor. Hoje, com 90 anos, cego mas de uma lucidez impressionante, também sempre exigente, porém mantendo maior distância e gerindo o humor com a benevolência, Michael Tippett observa sua obra abrindo um caminho fora das modas e das capelas.

QUESTÕES DE LINGUAGEM

"Minha música é dirigida a todo mundo, minha linguagem é simples e direta: não me causa admiração o fato de minha música ter obtido um grande sucesso nos Estados Unidos. Sem esquecer que eu sou muito sensível às questões políticas e sociais, o problema para o músico é traduzir em música aquilo que ele sente. Definir-me como eu mesmo foi muito demorado e hoje, apesar de minha idade avançada, eu ainda busco novas formas de expressão, como no meu "Quinto Quarteto", pois recuso-me a imitar a mim próprio. Eu não sou um ingênuo como Olivier Messiaen (cuja música eu admiro), porque o ingênuo é simpático para o seu tempo. Eu sou um sentimental irônico sempre questionando minha época".

(Declarações colhidas por OLIVIER BERNAGER) (Tradução da revista francesa "Le Monde de la Musique" - Janvier, 1995, por Francisco Dalmen Carneiro).

*1. O "Mayflower" foi o barco mais famoso que transportava os imigrantes para a América. Elemento totalmente à parte da história americana, permaneceu como símbolo da liberdade e da iniciativa pessoal.

